

POESIA E MULTIMÍDIA

Vera Casa Nova

Resumo

O texto problematiza uma nova atitude frente aos objetos semióticos nas artes. Pela multiplicidade e efeitos da fractalização, o sujeito pode aceder ao sujeito-artista e aos objetos.

Resumé

Ce texte pose une nouvelle attitude devant des objets sémiotiques dans les arts. Par la multiplicité et les effets de la fractalisation le sujet peut accéder au sujet-artiste et aux objets

Desde o fim do século XIX, até nossos dias, não há como pensar poesia distante das realidades da cultura de massa e de outras media. Lembro Flora Sussekind em *Cinematógrafo das Letras*¹:

a chegada do cinematógrafo, assim como do gramophone e do fonógrafo estabeleceu um estreitamento de contatos entre literatura e media.

Tudo é linguagem e como linguagem se estabelecem as imbricações, as traduções e as interações.

Italo Calvino, nas *Sete propostas para o próximo milênio*, propõe a diversidade, que inclui outros media tentando dar, no entanto, à literatura, uma especificidade como marca, como diferença de outros media.

Diante dessa pluralidade, a que assistimos embasbacados, um aspecto se coloca - o lúdico. O lúdico, que (nos) afeta a adultos e crianças e que faz a multimídia se instalar como uma nova forma de arte dentro das inúmeras linguagens contemporâneas. A cada placa multimídia instala-se uma inovação. Computador, vídeo e som. Meios e linguagens que se enredam na nova arte - nos palcos, nas telas. Corpos se constroem, se diluem, se

transformam. Relacionam-se arte e técnica através de meios diversos. A letra tem cor, a letra tem um outro som, que não ela mesma. A letra passa a ser uma realidade virtual. O poeta, o artista da palavra trabalha uma nova forma de arte guiada por uma razão matematizante. Sem parnasianismos formais, a arte poética cria e recria através do computador uma forma de interação jamais pensada pelo poeta e seu leitor.

Novas representações, novos imaginários diante da máquina vão configurando novas subjetividades. A nova cultura que surge mais rápido que se pensava (anteriormente) resgata o poema - A. Badiou² diz que "o poema não é uma comunicação. O poema nada tem a comunicar. Ele é apenas um dizer, uma declaração que tem em si mesma a sua fonte de autoridade".

Com o poema multimídia, o verso, em sua relação interativa se realiza no ato de ler, ou como queria o verso de Mallarmé "fato, sendo, ele acontece sozinho", pode no vir a ser dos sentidos, acontecer na co-participação, sendo solitário somente no ato da produção, e não no ato da recepção.

No Festival de Poesia de BH (setembro 1994), pude assistir ao interesse das pessoas diante do computador, cuja instalação multimídia se dava através do digital dos vídeo-poemas, como a singularidade do que ali se declarava passava à pluralidade. A publicidade da videopoesia nos deixa perplexos.

Silêncio que fala, grita e festeja seus novos acompanhantes, o poema se faz em meio às geringonças tecnológicas.

Se Mallarmé abriu no fim do século XIX a possibilidade cada vez maior do lúdico no poema, sempre acompanhado da operação do silêncio, o silêncio se desvanece no limiar de seu próprio som - através do instrumental multimídia, quando um Mackintosh toca com ele uma clarineta.

No instante multimídia é a co-participação criadora que se faz. O poema, aqui, gesto, canção, imagem, passa da "ação restrita" à ação irrestrita, ou ainda, como queria o próprio Mallarmé, em sua contemporaneidade a "universal reportagem". A arte vive hoje, pela inserção multimídia, uma suspensão. Suspensão que é característica do pensamento contemporâneo, misto de subjetividade e objetividade, que ao mesmo tempo faz do objeto sua referência, retira-a e a coloca em seu próprio universo - sempre um universo composto. Universo mediatizado pela máquina, objeto que surpreende o leitor e o próprio poeta.

Diante do micro, o leitor digita como criador, participa do

verso ou da imagem ali registrada na tela. o poema antes do poeta 1º passa ao poeta 2º e vai emigrando entre sentidos, tornando outro poema que não o 1º, o 2º, o 3º...

A rede disseminativa engendra aquilo que Badiou aponta: "o poema perde o objeto no múltiplo puro"³. A info-poesia tem "a sede poética de sua disseminação". Dissolução ou dispersão do autor-origem e multiplicação do leitor, autor sempre possível.

Diante do info-poema Platão não evidenciaria o conflito filosofia e poesia, pois que para o paradigma racional matemático, gerador do software, o poema é possível. O conflito entre poesia e filosofia que o filósofo sempre colocou como insolúvel, parece ter outros contornos. A racionalidade do programa possibilita, torna possível a interioridade, a irracionalidade.

Nova convocação para o autor e o leitor, a poesia multimídia alinha gerações para uma outra forma de criação cultural. A infopoesia, ou a poesia multimídia trazem a possibilidade para a arte de retomar a importância de sua ação. Ação múltipla que se desloca no tempo e no espaço em que textos, vozes, ruídos e imagens simultaneamente se combinam poeticamente. Uma outra poética aí acontece.

A interação, a intertextualidade de que Bactine nos fala estão acontecendo hoje em outra dimensão. A dimensão multi ou hipermediática em que os textos não se fecham em "mensagens", mas explicitam que o sujeito é um lugar de Cultura, e como tal lê e co-participa dos processos de criação.

Difícil seria teorizar sobre essa nova dimensão que é recente e para muitos desconhecida. Mas o material começa a se acumular para um futuro estudo.

Ainda em experiência a poesia multimídia (cito por exemplo um dos mais conhecidos, *Nome*, de Arnaldo Antunes), já é um fato consumado.

Acredito mesmo que o Poético que hoje se realiza é uma "janela" aberta para emoções maiores do técnico-artista (se assim podemos chamar o poeta) tanto quanto para esse leitor que interage com a máquina.

Esse poético faz parte de uma teoria, que chamamos, teoria do fragmento e que retoma formas de leitura, a partir das possibilidades da transcodificação simultânea. As relações intersemióticas entre imagem e outras formas poéticas como a música e a literatura, entre outras artes se exacerbam, sem se esgotarem durante o ato de ler. Ler ou traduzir intersemioticamente,

nesse instante, coloca o livro tanto quanto seus suplementos, esses objetos artísticos que encontramos sendo produzidos, em outra dimensão artística, numa espécie de "semiosfera", onde a disseminação é o elemento desagregador e ao mesmo tempo, agregador. Ou seja, a rede de sentidos que se estabelece nos fragmentos traz imensas possibilidades à leitura, parecendo mesmo ser subutilizada. Esse novo tipo de leitura a que Barthes se refere em seu artigo de *Enciclopédia Einaudi*⁴, "não decodifica, não sobredecodifica, não decifra, produz, acumula linguagens, deixa-se incansavelmente atravessar por elas: é essa a travessia."

Assim é que a leitura, tanto quanto a escritura, muda incessantemente de estatuto e se torna, cada vez, mais um espetáculo lúdico, uma viagem dos sentidos, adquire a função festiva da interação criativa.

Notas

¹São Paulo, Cia das Letras, 1987.p.26

²BADIOU. *Para uma nova teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

³BADIOU, A. Op.Cit, p.79.

⁴BARTHES, R. & COMPAGNON, Antoine. Leitura. In: *Enciclopédia Einaudi*. V | I. Lisboa, Imprensa Nacional, 1987.